



Conflitos e Resistências para a Conquista e
Demarcação de Terras Indígenas no Oeste
do Paraná: Os Caminhos e as Expressões
do Fortalecimento das Lideranças
e da Cultura Guarani

Wagner Roberto do Amaral
Elisa Yoshie Ichikawa
(Organizadores)



Conflitos e Resistências para a Conquista e
Demarcação de Terras Indígenas no Oeste
do Paraná: Os Caminhos e as Expressões
do Fortalecimento das Lideranças
e da Cultura Guarani



Wagner Roberto do Amaral
Elisa Yoshie Ichikawa
(Organizadores)

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Chefe: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Geraldo Alves
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof^a Dr^a Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof^a Dr^a Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Sandra Regina Gardacho Pietrobom – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof^a Dr^a Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof^a Dr^a Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof^a Dr^a Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
C748	Conflitos e resistências para a conquista e demarcação de terras indígenas no oeste do Paraná [recurso eletrônico] : os caminhos e as expressões do fortalecimento das lideranças e da cultura Guarani / Organizadores Wagner Roberto do Amaral, Elisa Yoshie Ichikawa. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. Formato: PDF Requisitos de sistemas: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-822-9 DOI 10.22533/at.ed.229192711 1. Demarcação de terras – Paraná. 2. Índios da América do Sul – Posse da terra – Paraná. 3. Reservas indígenas. I. Amaral, Wagner Roberto do. II. Ichikawa, Elisa Yoshie. CDD 980.4114
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

Atena
Editora

Ano 2019

A capa deste livro homenageia o Sr. Claudio Barros e a Sra. Vitória Nunes, importantes lideranças Avá-Guarani pertencentes ao Tekohá Porã, município de Guaíra/PR. O Sr. Claudio faleceu no dia 07 de janeiro de 2019, com 105 anos, sendo uma referência histórica de luta, inspiração e resistência para o povo Avá-Guarani e para todos nós. Claudio Barros, presente!

AGRADECIMENTO

Livro produzido com o apoio financeiro da CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, por meio do Edital 012/2015 – Memórias Brasileiras: Conflitos Sociais.

Agradecemos a todas as comunidades Avá-Guarani da região Oeste do Paraná que acolheram a nossa equipe de pesquisa e se dispuseram a compartilhar seus conhecimentos e a compor conosco esta obra. O nosso respeito, admiração e compromisso para com a luta pela conquista do território Guarani na perspectiva de uma terra sem males.

INTRODUÇÃO

Esse nosso livro é resultado de pesquisas realizadas junto aos *tekoha* Avá-Guarani na região Oeste do Paraná, produzido com o apoio financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), por meio do Edital 012/2015 – Memórias Brasileiras: Conflitos Sociais. Tal edital apresentava como objetivo “promover e fomentar a realização de pesquisas científicas que resultem em livros que deverão focar processos e episódios (revoltas, insurreições, rebeliões populares, lutas armadas, manifestações populares, entre outros) que, ao longo da história brasileira do período republicano, tenham sido expressão da conflitividade social e significativos para o entendimento da construção do Estado e da sociedade brasileira, com valorização de episódios pouco estudados da história brasileira”.

Esse edital possibilitou a aproximação e a articulação de docentes pesquisadores de três universidades estaduais do Paraná - sendo a Universidade Estadual de Maringá, a Universidade Estadual de Londrina e a Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná - e da Universidade de São Paulo – Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz” USP/ESALQ. Todos esses docentes já possuíam um vínculo com pesquisas associadas a temáticas sociais nas suas diferentes áreas, seja na Administração ou no Serviço Social. Provocados pelo conteúdo progressista do edital e orientados por suas diferentes trajetórias de pesquisas, nossa equipe de pesquisadores passou a elaborar uma proposta a ser submetida. A forte inspiração da equipe nesse momento de proposição foi a profunda resistência do povo Avá-Guarani que habita a região Oeste do Paraná, já conhecida e acompanhada por parte dos pesquisadores.

No Paraná habitam três povos indígenas distintos, sendo o povo Kaingang, o povo Guarani e o povo Xetá, existindo ainda a presença de famílias Xokleng/Laklano nesse território. Cada um desses grupos étnicos e de suas comunidades possuem distintas cosmologias, distintas relações e formas de utilização das línguas indígenas e da língua portuguesa, assim como diferentes formas de organização econômica e política interna, e histórias semelhantes e dessemelhantes na relação com o Estado e com os demais movimentos sociais. No cenário paranaense – considerando que a presença indígena nesse território antecede a constituição administrativa e política do que chamamos de “Paraná” – encontramos históricas expressões de massacres, violências, expropriação dos territórios tradicionais pelo Estado e pelos empreendimentos colonizadores e capitalistas. Outrossim, também é nesse território que encontraremos profundas expressões de lutas e de resistências, seja pelo reconhecimento e demarcação dos territórios indígenas, seja pelos direitos à educação escolar indígena, à saúde indígena, dentre outros.

Foi a partir desse cenário que escolhemos como *locus*, fonte e inspiração

da pesquisa as memórias de lutas e resistências do povo Avá-Guarani que habita historicamente a região Oeste do Paraná. A partir das referências que a equipe de pesquisa já dispunha sobre a realidade desta população naquela região, empreendemos a elaboração da proposta que foi submetida e aprovada junto à Capes. A proposta submetida no mês de outubro de 2015 foi aprovada apenas no mês de novembro de 2016. Foi intitulada como “Conflitos e resistências para a conquista e demarcação de terras indígenas no Oeste do Paraná: os caminhos e as expressões do fortalecimento das lideranças e da cultura Guarani”. Seu alongado título reflete justamente os desafios que se apresentam às comunidades Avá-Guarani daquela região na retomada dos seus territórios tradicionais, bem como em serem humanamente reconhecidos como sujeitos de direitos e como protagonistas e referências vivas de um patrimônio histórico, cultural e linguístico fundamental para as gerações. A escolha de categorias como: “conflitos”, “resistências”, “demarcação”, “lideranças” e “cultura Guarani” refletem ainda a perspectiva política e acadêmica da equipe.

O projeto apresentou como seu principal objetivo investigar as históricas situações de conflito e as expressões de resistência política, cultural, linguística e territorial do povo Guarani na história do território paranaense, fundamentalmente, na região da fronteira Oeste deste estado, evidenciando a emergência e os percursos das lideranças desse grupo étnico diante das violências praticadas pelo Estado brasileiro e por agentes privados que vivem na região. Constituímos ainda dois eixos temáticos orientadores para as pesquisas sendo: a formação e atuação de lideranças Avá-Guarani e suas organizações, e o papel da educação escolar e da escola Avá-Guarani nos processos de memória e de resistência.

Dentre os recursos financeiros disponibilizados, havia a previsão de seleção e bolsa pesquisa para dois mestrandos, dois pós-doutorandos e quatro estudantes de graduação em iniciação científica. Enquanto princípio da equipe em contribuir com o protagonismo e a formação de pesquisadores indígenas, dos dois mestrandos uma é pertencente ao povo Kaingang e dos quatro graduandos de iniciação científica três pertencem ao povo Guarani sendo um deles Avá-Guarani e pertencente ao *Tekoha Porã*, um dos territórios de retomada no município de Guaíra. Buscamos por vários estados brasileiros possíveis candidatos à bolsa de pós-doutorado, mas não conseguimos identificar doutores indígenas disponíveis para esta tarefa¹.

1 Importante destacar que o ingresso e a permanência de indígena na educação superior no Brasil e na América Latina enquanto uma política pública educacional é recente, sendo que a primeira política de ingresso de indígenas realizada no país ocorreu pelas Universidades Estaduais do Paraná no ano de 2002 por meio da Lei Estadual n. 13.134/2001. Para maiores informações ver: AMARAL, Wagner R. (2010). As trajetórias dos estudantes indígenas nas Universidades Estaduais do Paraná: sujeitos e pertencimentos. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Paraná. Curitiba. Acessado em 25/09/2019, em: http://www.ppge.ufpr.br/teses%20d2010/d2010_Wagner%20Roberto%20do%20Amaral.pdf e AMARAL, W. R.; FRAGA, L.; RODRIGUES, I. C.; (org). Universidade para indígenas: a experiência do Paraná. Rio de Janeiro: FLACSO, GEA; UERJ, LPP. Acessado em 25/09/2019, em: <http://>

Como não tivemos tempo suficiente para apresentar e discutir o projeto com as lideranças Avá-Guarani da região Oeste do Paraná (tendo em vista os reduzidos prazos para sua elaboração e submissão), tomamos como centralidade e princípio a tarefa de submetê-lo para apreciação das referências mais importantes nos *tekohas* daquela região. Portanto, no dia 20 de julho de 2017, a equipe reuniu caciques e lideranças Avá-Guarani de toda a costa oeste do Paraná na cidade de Guaíra com a intenção de apresentar e obter um parecer das lideranças acerca da proposta. Nesta ocasião, nossa equipe já estava ampliada com a presença de bolsistas de mestrado, de pós-doutorado e de iniciação científica. Fundamental nesta ocasião foi a atuação de Rodrigo Luís, estudante Avá-Guarani de Medicina na UEL, bolsista de iniciação científica no projeto e pertencente ao *Tekoha Porã*, um dos territórios de retomada no município de Guaíra. Sua atuação como mediador e tradutor da língua Guarani contribuiu imensamente para a legitimação das ações do projeto.

A reunião da equipe do projeto com as lideranças Avá-Guarani produziu um pacto de compromisso entre os pesquisadores e os/as representantes das comunidades indígenas do Oeste do Paraná. Neste pacto, os pesquisadores apresentaram a intenção de produzir um livro didático voltado às escolas Avá-Guarani sendo esta intencionalidade debatida e revisitada a partir do pedido das lideranças indígenas de que tal livro fosse voltado não às crianças Avá-Guarani, mas às crianças e jovens não indígenas das escolas não indígenas da região, entendendo a necessidade de combater os preconceitos que sofrem cotidianamente pela população. Entendiam como fundamental a elaboração de materiais didáticos que difundam a memória de existência e resistência do povo Avá-Guarani na região.

Na ocasião deste encontro, fomos convidados a visitar os *tekoha* da região, sendo um localizado no município de Guaíra e outro no município de Terra Roxa. Foram momentos fundamentais de conexão à realidade vivenciada nos territórios indígenas na região, sendo amorosamente acolhidos e abençoados pelos *xamõi* e moradores destas comunidades de retomada. Seja iluminados pela lua e as estrelas ou no sol forte do solo arenoso dos *tekohas*, nos sentimos profundamente inspirados com tanta força e tanta luta!

Após este encontro, buscamos encaminhar os trâmites formais para iniciarmos a pesquisa sendo necessário a submissão e apreciação da proposta junto ao Comitê de Ética de Pesquisas de Seres Humanos e a autorização da Fundação Nacional do Índio. Em paralelo, realizamos seminários de formação conceitual da equipe para compreendermos melhor a realidade sociocultural, econômica e política da população Avá-Guarani na região Oeste do Paraná. No primeiro seminário realizado no mês de maio de 2017 (antes de partirmos para o encontro com as lideranças Avá-Guarani em Guaíra), contamos com a presença e participação da pesquisadora

Maria Lucia Brant de Carvalho, que socializou conosco aspectos da realidade da população Avá-Guarani na região, fundamentalmente a partir dos impactos da Usina Hidrelétrica de Itaipu. Os demais seminários realizados foram mediados por artigos e resultados de pesquisas que tematizavam a realidade Avá-Guarani, já resultados das revisões bibliográficas realizadas pelos bolsistas, assim como para organização das atividades da equipe.

Com a autorização do Comitê de Ética e da FUNAI, iniciamos as atividades de pesquisa. Programamos e realizamos três missões de pesquisa sendo a primeira realizada no período de 02 a 04 de agosto de 2018 no município de São Miguel do Iguçu/Paraná; a segunda, realizada no período de 06 a 08 de setembro de 2018 no município de Diamante do Oeste; e a terceira realizada no período de 22 a 24 de novembro de 2018 em Guaíra.

Em todas as missões realizadas nos impressionava a amorosa acolhida das lideranças, *xamõi*, *chary'i* e de todas as comunidades visitadas. A partir da primeira missão realizada, fomos convidados a nos apresentar na Casa de Reza, espaço sagrado para os Avá-Guarani. A partir daquela experiência de acolhimento e de mergulho dialógico com a cosmologia Guarani, revisitamos toda a programação passando a ressignificar a organização do tempo e a nos sintonizarmos ainda mais com as dinâmicas das comunidades.

Em cada missão, nos organizamos para realizar momentos simultâneos de encontro da equipe de pesquisa para socialização das pesquisas realizadas, bem como de diálogos com professores, lideranças e pesquisadores Avá-Guarani. Em todas as missões contamos com o apoio das equipes das escolas estaduais indígenas², sendo que as oficinas foram realizadas utilizando a estrutura desses espaços, assim como as refeições em todos os dias, compartilhada com todos os participantes indígenas e não indígenas das oficinas, aspecto que possibilitou maior aproximação com as comunidades.

Sem dúvida alguma, os momentos mais fortes para toda a equipe de pesquisa foram os vivenciados e sentidos no interior das *Opy*, das Casas de Reza, encontrando nelas – nos rituais, cantorias, nos conselhos, nas bênçãos, na amorosidade, na generosidade e no cuidado por eles compartilhado – o sentido da existência e resistência Avá-guarani.

Entre os andarilhos pelos diferentes *tekohas* do Oeste do Paraná, a pesquisa realizada contou com diversos sujeitos Ava-Guarani entrevistados, por meio da participação de jovens, adultos e velhos, homens e mulheres, *xamõi*, *chary'i*,

2 Ressaltamos que os membros da coordenação do projeto esteve em reunião com a equipe da Coordenação da Educação Escolar Indígena/Diretoria da Diversidade da Secretaria de Estado da Educação do Paraná com a finalidade de apresentar o projeto de pesquisa, contando nesta ocasião com o apoio e aprovação desta instituição e o respaldo para que as escolas estaduais indígenas da região oeste do Paraná acolhessem as atividades propostas.

lideranças, professores e estudantes indígenas convidados a somar conosco nesta empreitada de investigação. Contou ainda com a participação de sujeitos não indígenas como diretores das escolas estaduais indígenas e professores e pedagogos das escolas estaduais não indígenas.

As entrevistas e a literatura acessada por meio da revisão bibliográfica evidenciaram ainda diferentes formas de apresentar as categorias e expressões em Guarani, não tendo a pesquisa e esse livro nenhuma intenção de padronizá-las, pelo contrário, evidenciamos o nosso respeito às diferenças linguísticas existentes entre as parcialidades do povo Guarani compreendendo a riqueza cultural nelas presentes.

A partir desse percurso de diálogos, de interculturalidades e de profundas aprendizagens pelos pesquisadores *karaí* ou *jurua* (os não indígenas, para os Avá-Guarani), encontramos a inspiração para a organização deste livro. Mais do que o resultado da sistematização de conhecimentos científicos e acadêmicos produzidos pela equipe de pesquisa com pesquisadores convidados, esta obra se apresenta como mais um instrumento de luta para o povo Avá-Guarani da região Oeste do Paraná, assim como para toda a nação Guarani espalhada pelos diferentes estados brasileiros e os cinco países do cone-sul.

Este livro apresenta quinze capítulos que versam especificamente sobre diferentes aspectos da realidade e da memória Avá-Guarani que habita a região Oeste do Paraná. Por ser Guarani, essa população mantém seu *ñandereko* (modo de viver Guarani) através dos seus andarilhos pelo seu território ancestral, existente anteriormente aos tratados, disputas e invasões territoriais feitas pela colonização europeia ou pelos acordos político-administrativos entre os estados brasileiros e nos cinco países do Cone Sul da América. Este livro parte então do pressuposto da existência ancestral de um território Guarani de dimensões continentais contemporaneamente espalhado em 1.400 *tekohas*, explicitado pelo capítulo "*Territorialidades e resistências históricas: panorama continental e atualidades do povo Guarani*", de autoria de Clovis Brighenti. Inicia-se, desta forma, a explicitação de uma das posições mais importantes desta obra: o povo Avá-Guarani que habita a região Oeste do Paraná, pertencente ao povo Guarani, já habitava esse território há cerca de dois mil anos atrás, bem antes da ocupação e fundação das cidades de Guaíra, Terra Roxa, Diamante do Oeste, Santa Helena, São Miguel do Iguçu, dentre outras. Deste modo, são populações originárias e com direitos fundamentais de ocupar seus territórios tradicionais e ancestrais.

É na fronteira entre o Brasil, o Paraguai e a Argentina que o povo Guarani também vivenciará sagas históricas marcadas por massacres e por resistências. Uma das sagas mais contemporâneas constituída em nome do desenvolvimento nacional foi a construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu, que alagou muitos territórios

tradicionais Guarani. É nessa perspectiva que Maria Lucia Brant de Carvalho nos apresenta o capítulo *“Os Guarani da Tríplice Fronteira, Brasil, Paraguai e Argentina: os direitos às terras, à mobilidade espacial por entre as fronteiras e à cidadania”*.

No terceiro capítulo denominado *“Tekoha Jevy: um breve panorama das retomadas Guarani no Oeste do Paraná”*, sendo um dos territórios tradicionais de resistência na região, Paulo Porto refletirá acerca do que denomina como diáspora Guarani provocada historicamente pelas forças colonizadoras e mais contemporaneamente pelo Parque Nacional de Iguaçu e da Itaipu Binacional, sinalizando, contudo, os processos de retomada dos territórios tradicionais (*Tekohas*) e em busca do *Tekoa Guasu*.

A partir do quarto capítulo *“Territorialidade e demarcação de terras: a dimensão simbólica do espaço para produção de alimentos na cultura Avá-Guarani”* de autoria de Luciano Mendes e Carolina Ferraz dos Santos, iniciamos as reflexões desenvolvidas a partir do trabalho de pesquisa de nossa equipe junto aos *tekohas* da região Oeste do Paraná. Tal capítulo pauta e dialoga com as práticas de produção de alimentos a partir da dimensão simbólica Avá-Guarani, tendo em vista que os autores estão vinculados a uma tradicional instituição de educação superior da área de ciências agrárias, sociais e ambientais no Brasil, problematizando e refletindo a temática indígena.

O quinto capítulo do livro reflete acerca das *“Estratégias psicossociais de resistência das lideranças Avá-guarani sob a perspectiva da Psicologia Social Latino-americana (PCSLA)”*, tendo como autoras Juliane Sachser Angnes, Maria de Fátima Quintal de Freitas e Rozeli Aparecida Menon. Essa reflexão se orienta em um dos eixos da pesquisa que centra a importância da formação e do papel da liderança Avá-Guarani nos processos de memória e de resistência política e cultural.

Gilza Ferreira de Souza Felipe Pereira e Wagner Roberto do Amaral apresentam o sexto capítulo desta obra, *“Relatando uma experiência de pesquisa e de luta no movimento social indígena, vivenciada por uma estudante indígena na pós-graduação”*. O texto apresenta a narrativa dialógica de uma pesquisadora Kaingang bolsista do projeto (junto com seu orientador de mestrado) que inicia seu percurso como investigadora buscando analisar o papel das mulheres Avá-Guarani enquanto lideranças de seu povo. Texto de significativa alteridade entre mulheres lideranças.

Na lógica da formação de lideranças Avá-guarani, Cynthia Franceska Cardoso, Wagner Roberto do Amaral e Elisa Yoshie Ichikawa apresentam o capítulo *“Os mais velhos e a juventude Avá-Guarani: a memória como estratégia de resistência”*, identificando e analisando os encontros produzidos entre os grupos de jovens Avá-guarani e os *xamõis* dos *tekohas* da região oeste do Paraná. Problematizam o conceito de juventude e de juventude indígena, bem como a situa nos contextos de opressão vivenciados pelos jovens indígenas na região estudada.

O oitavo capítulo versará sobre *“Os conflitos para a reconquista e demarcação de territórios Avá-Guarani no Oeste do Paraná: a produção de representações sociais pela mídia”*, tendo como autores Samuel Osório Ribeiro da Silva e Elisa Yoshie Ichikawa. Refletem o conceito de representação social associada às estratégias de comunicação, analisando os conteúdos de matérias jornalísticas sobre os Avá-Guarani da região oeste do Paraná, fundamentalmente sobre a questão fundiária e o posicionamento dos veículos de mídia.

Dialogando com a área dos estudos organizacionais e com a psicologia da libertação de Martin Baró, Luis Fernando Moreira da Silva, Marcio Pascoal Cassandre e Wagner Roberto do Amaral focam o nono capítulo refletindo sobre *“As casas de reza como comunidades de prática em territórios Avá-Guarani do Oeste do Paraná”*. Sinalizam que as casas de reza das comunidades Avá-Guarani têm se configurado como uma poderosa ferramenta de articulação interna pelas lutas que essas população enfrentam atualmente.

O décimo capítulo desta obra versa sobre *“O ensino da história e da cultura Avá-Guarani pelas escolas estaduais não indígenas no município de Guaíra-PR”*. Os autores Eloá Soares Dutra Kastelic e Wagner Roberto do Amaral refletem sobre a importância da Lei n. 11.645/2008 que obriga o ensino da história e cultura afro-brasileira e indígena em todos os estabelecimentos de ensino do país e analisam mais diretamente as concepções e práticas de duas escolas estaduais não indígenas que possuem estudantes Avá-Guarani nelas matriculados.

O décimo primeiro capítulo *“Um Avá-Guarani com uma câmera na mão”* de autoria de Mônica Panis Kaseker, Lucas Ribeiro e Yago Junio dos Santos Queiroz apresenta a narrativa da experiência de produção do vídeo documentário junto às lideranças Avá-Guarani nos diferentes *tekohas* onde se realizou a pesquisa. O trabalho de gravação e de autoria do texto foi vivenciado em conjunto com um estudante indígena do curso de jornalismo, evidenciando inúmeras potencialidades do uso do audiovisual para e pelas comunidades indígenas, articulando sentidos de identidade e fortalecendo a interculturalidade.

Os quatro capítulos finais deste livro apresentam as narrativas dos quatro estudantes Guarani bolsistas de iniciação científica do projeto. Oséias Poty Miri Florentino apresenta *“Um relato de um indígena Guaraní Mbya: conhecendo um fragmento da realidade e do contexto de luta dos Ava-Guaraní da região Oeste do Paraná”*; Rodrigo Luís, apresenta a *“História e trajetória de um acadêmico Avá-Guarani pesquisador em busca da visibilidade para seu povo, na luta pela demarcação e a universidade como ferramenta de luta”*; Alexandro da Silva apresenta *“As experiências de formação de pesquisadores Guarani – ser acadêmico Guarani-Ñandéva e Guarani-Mbyá conhecendo o universo Avá-Guarani da região Oeste do Paraná”*; e Uerique Aparecido Gabriel Matias apresenta *“Um relato de experiência: memórias*

e resistência dos Avá-Guarani do Oeste do Paraná como pesquisador Guarani Ñandéva". Quatro sujeitos Guarani pertencentes a três diferentes parcialidades - Guarani Mbya, Guarani-Ñandéva e Avá-Guarani – experimentando serem Guarani e, simultaneamente, serem pesquisadores do seu povo, articulados em torno da memória e das lutas das comunidades Avá-Guarani do Oeste do Paraná.

Por fim, este livro pretende se constituir em mais uma das demais referências já produzidas e as que ainda virão para fortalecer a memória de existência, re-existência e de resistência do povo Guarani! Desejamos que a leitura destes textos inspire ainda mais o nosso compromisso para com os povos indígenas do Brasil e da América Latina.

Novembro de 2019.

Wagner Roberto do Amaral
Elisa Yoshie Ichikawa

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
TERRITORIALIDADES E RESISTÊNCIAS HISTÓRICAS: PANORAMA CONTINENTAL E ATUALIDADES DO POVO GUARANI	
Clovis Brighenti	
DOI 10.22533/at.ed.2291927111	
CAPÍTULO 2	14
OS GUARANI DA TRÍPLICE FRONTEIRA, BRASIL, PARAGUAI E ARGENTINA: OS DIREITOS ÀS TERRAS, À MOBILIDADE ESPACIAL POR ENTRE AS FRONTEIRAS E À CIDADANIA	
Maria Lucia Brant de Carvalho	
DOI 10.22533/at.ed.2291927112	
CAPÍTULO 3	40
TEKOHÁ JEVY: UM BREVE PANORAMA DAS RETOMADAS GUARANI NO OESTE DO PARANÁ	
Paulo Porto	
DOI 10.22533/at.ed.2291927113	
CAPÍTULO 4	56
TERRITORIALIDADE E DEMARCAÇÃO DE TERRAS: A DIMENSÃO SIMBÓLICA DO ESPAÇO PARA PRODUÇÃO DE ALIMENTOS NA CULTURA AVÁ-GUARANI	
Luciano Mendes Carolina Ferraz dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.2291927114	
CAPÍTULO 5	70
ESTRATÉGIAS PSICOSSOCIAIS DE RESISTÊNCIA DAS LIDERANÇAS AVÁ-GUARANI SOB A PERSPECTIVA DA PSICOLOGIA SOCIAL LATINO-AMERICANA (PCSLA)	
Juliane Sachser Angnes Maria de Fátima Quintal de Freitas Rozeli Aparecida Menon	
DOI 10.22533/at.ed.2291927115	
CAPÍTULO 6	84
RELATANDO UMA EXPERIÊNCIA DE PESQUISA E DE LUTA NO MOVIMENTO SOCIAL INDÍGENA, VIVENCIADA POR UMA ESTUDANTE INDÍGENA NA PÓS-GRADUAÇÃO	
Gilza Ferreira de Souza Felipe Pereira Wagner Roberto do Amaral	
DOI 10.22533/at.ed.2291927116	
CAPÍTULO 7	103
OS MAIS VELHOS E A JUVENTUDE AVÁ-GUARANI: A MEMÓRIA COMO ESTRATÉGIA DE RESISTÊNCIA	
Cynthia Franceska Cardoso	

Wagner Roberto do Amaral

Elisa Yoshie Ichikawa

DOI 10.22533/at.ed.2291927117

CAPÍTULO 8 117

OS CONFLITOS PARA A RECONQUISTA E DEMARCAÇÃO DE TERRITÓRIOS AVÁ-GUARANI NO OESTE DO PARANÁ: A PRODUÇÃO DE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS PELA MÍDIA

Samuel Osório Ribeiro da Silva

Elisa Yoshie Ichikawa

DOI 10.22533/at.ed.2291927118

CAPÍTULO 9 128

O ENSINO DA HISTÓRIA E DA CULTURA AVÁ-GUARANI PELAS ESCOLAS ESTADUAIS NÃO INDÍGENAS NO MUNICÍPIO DE GUAÍRA-PR

Eloá Soares Dutra Kastelic

Wagner Roberto do Amaral

DOI 10.22533/at.ed.2291927119

CAPÍTULO 10 144

AS CASAS DE REZA COMO COMUNIDADES DE PRÁTICA EM TERRITÓRIOS AVÁ-GUARANI DO OESTE DO PARANÁ

Luis Fernando Moreira da Silva

Marcio Pascoal Cassandre

Wagner Roberto do Amaral

DOI 10.22533/at.ed.22919271110

CAPÍTULO 11 158

UM AVÁ-GUARANI COM UMA CÂMERA NA MÃO

Mônica Panis Kaseker

Lucas Ribeiro

Yago Junio dos Santos Queiroz

DOI 10.22533/at.ed.22919271111

CAPÍTULO 12 171

UM RELATO DE UM INDÍGENA GUARANÍ *MBYA*: CONHECENDO UM FRAGMENTO DA REALIDADE E DO CONTEXTO DE LUTA DOS AVA-GUARANÍ DA REGIÃO OESTE DO PARANÁ

Oséias Poty Miri Florentino

DOI 10.22533/at.ed.22919271112

CAPÍTULO 13 177

HISTÓRIA E TRAJETÓRIA DE UM ACADÊMICO AVÁ-GUARANI PESQUISADOR EM BUSCA DA VISIBILIDADE PARA SEU POVO, NA LUTA PELA DEMARCAÇÃO E A UNIVERSIDADE COMO FERRAMENTA DE LUTA

Rodrigo Luís

DOI 10.22533/at.ed.22919271113

CAPÍTULO 14	185
AS EXPERIÊNCIAS DE FORMAÇÃO DE PESQUISADORES GUARANI – SER ACADÊMICO GUARANI-ÑANDÉVA E GUARANI-MBYÁ CONHECENDO O UNIVERSO AVÁ-GUARANI DA REGIÃO OESTE DO PARANÁ	
Alexandro da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.22919271114	
CAPÍTULO 15	189
UM RELATO DE EXPERIÊNCIA: MEMÓRIAS E RESISTÊNCIA DOS AVÁ-GUARANI DO OESTE DO PARANÁ COMO PESQUISADOR GUARANI ÑANDÉVA	
Uerique Aparecido Gabriel Matias	
DOI 10.22533/at.ed.22919271115	
SOBRE OS ORGANIZADORES.....	192

TERRITORIALIDADES E RESISTÊNCIAS HISTÓRICAS: PANORAMA CONTINENTAL E ATUALIDADES DO POVO GUARANI

Data de aceite: 19/11/2019

Clovis Brighenti

Mestre em Integração da América Latina pela Universidade de São Paulo (USP) e Doutor em História pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professor de História das Sociedades Indígenas e da América Latina na Universidade Federal de Integração Latino-Americana (UNILA).

INTRODUÇÃO

Desde que o nome Guarani foi registrado pela primeira vez na carta de Luiz Ramirez, tripulante da expedição do veneziano a serviço da coroa espanhola Sebastian Caboto, quando subiam a rio Paraná em 1528 (BRIGHENTI, 2010), já se passaram quase cinco séculos e se produziu extensa literatura sobre esse povo. É tema de dissertações, teses e livros; inspirou atividades religiosas como a “missa da terra sem males”; foi usado para nominar produtos alimentícios; nominou clube esportivo, músicas, pinturas, romances, poesia, ópera, enfim, um sem número de objetos e produtos, sem contar a infinidade de palavras empregadas em topônimos (Itá, Mondai, Guarujá, Curitiba, Maranhão, Pará e outros) e hidrônios (rio Iguaçu, rio Paraná,

rio Itajaí, rio Tietê e outros); nomes de frutas/alimentos (maracujá, jabuticaba, abacaxi, caju, mandioca, pipoca e outros); animais/aves (tatu, tamanduá, urubu, jacaré, perereca, tangará, sabiá, jacu e outros) além de palavras e expressões (xará, piá, xiru, toró etc).

A influência da língua Guarani em nosso vocabulário se deve à forma como esse povo entrou em contato com os ibéricos no século XVI. Foram eles, com seus produtos e conhecimentos, que alimentaram e ensinaram os caminhos, os nomes de lugares, rios, plantas e animais pelo interior Sul desse continente. Com seus caminhos pré-coloniais, como o Peabiru, que ligava o Atlântico ao Pacífico, foram guias, amigos e salvadores dos europeus. Melià (2011) destaca que nas primeiras décadas da invasão europeia, os Guarani buscaram incorporar os europeus (espanhóis e portugueses) em seu universo sociocultural. Tentaram transformá-los em “parentes” através dos casamentos de mulheres Guarani com homens europeus. Mas, a partir da instalação da colônia, que na América portuguesa se inicia em 1532 com as Capitânicas Hereditárias e, na região do Prata, a partir de 1556, ocorreu o rompimento da aliança, porque aos europeus não interessava

aliança e amizade com esse povo, mas sim a mão-de-obra para suas lavouras e engenhos. Primeiro foram os donos de engenho de São Vicente (SP) que varreram o litoral sul levando escravos, os que conseguiram fugir da fúria escravocrata foram tomados como escravos pelos paulistas de Piratininga no século seguinte. Através de repulsivas atrocidades não só levaram os Guarani que estavam livres em suas “povoações”, como levaram os Guarani que se encontravam nas reduções jesuítas do Itaim (atual Mato Grosso do Sul), Guairá (atual Paraná) e Tape (atual Rio Grande do Sul). As bandeiras foram atos criminosos de gente não humana, “bandidos” a serviço dos colonos e da colônia. Do lado da América espanhola não foi diferente, não era usado o termo escravo, mas “*encomienda*”, que em muito se assemelhava à escravidão, se diferenciava basicamente porque o colono/encomendero não era dono do encomendado. Importante lembrar que a escravidão e a encomenda eram ilegais desde meados do século XVI, mas amplamente praticadas até o século XIX.

Os primeiros europeus se maravilharam com a produção de alimentos cultivados por esse povo. A agronomia praticada pelos Guarani era mais diversificada e muito mais desenvolvida que a europeia, que no geral era pobre não apenas pela condição ambiental daquele continente, mas pela relação dos europeus com a natureza. A riqueza da diversidade de cultivares domesticada pelos Guarani foi denominada por Ulrico Schmidl e Martines de Irala como “a divina abundância”.

Ali nos deu, Deus o Todo-Poderoso sua graça divina que entre os citados Carijó ou Guarani encontramos trigo turco [milho] e mandiocinha, batata, mandioca poropi, mandioca peripá, amendoim, coco e outros alimentos, também peixe e carne, veados, porcos do mato, avestruzes, ovelhas indianas, coelhos, galinhas e gansos e outros animais selvagens que eu não posso descrever tudo neste momento. Há também em abundância divina mel do qual se faz vinho; Eles também têm muito algodão da terra (tradução nossa) (SCHMIDL, 1947 *apud* MELIÀ, 2011, p.134).

“E porque Deus foi servido...existe tanta abundância de mantimentos, que além da servir a toda gente que ali reside, também pode servir para outros três mil homens” (tradução nossa) (IRALA *apud* MELIÀ, 2011, p.135). O naufrago e aventureiro espanhol Alvar Nuñez Cabeza de Vaca ao ser nomeado “governador” da cidade de Assunção (Paraguai), foi conduzido pelos Guarani pelo caminho de Peabiru. Partiu do litoral atlântico (atual Florianópolis) com 250 espanhóis até aquele povoado. Ficou encantado com o mundo Guarani. Descreve ele:

Chegamos a três povoados de índios, situados muito próximos um do outro... Esses índios pertencem à tribo dos Guarani; são lavradores que semeiam o milho e mandioca duas vezes por ano, criam galinhas e patos da mesma maneira que nós na Espanha, possuem muitos papagaios, ocupam uma grande extensão de terra (...) (CABEZA DE VACA, 1999, p.157).

Ocupando uma vasta extensão de terras que se estendia desde o Atlântico até

os pés da Cordilheira dos Andes, esse povo recebeu diferentes nomes ao longo da história, em grande medida, devido a influência dos colonos que nominaram segundo seus interesses, “que buscam descobrir ouro, catequizar os gentios, ocupar a terra, escravizar os nativos” (FAUSTO, 2000, p.8). Difícil é saber quantos eram em termos numéricos e de diversidade sociocultural, porque a destruição foi efetiva e imediata. Para Melià (2011) a destruição foi do tamanho do colonialismo.

Da quase totalidade de povos e sociedades encontradas nos primeiros anos da conquista, apenas ficou na memória seus nomes, sem que tenhamos sequer dados da língua que falavam nem do tipo de organização que viviam. O respirar da nova presença europeia foi mensageiro de mortes irreversíveis. É difícil calcular a dimensão do desastre e da magnitude do genocídio e, mesmo considerando os exageros tanto minimistas como maximalistas, o fato é bastante grave como para alertar sobre as consequências da aventura colonialista. Os povos ocidentais dificilmente tenham tomado consciência dos resultados destrutivos, ao considerar que seu projeto “civilizador” justificava e segue justificando suficientemente esses danos “colaterais” (tradução nossa) (MELIÀ, 2011, p.116).

Há consenso, entre historiadores e etnólogos, que os Guarani ocupavam um vasto território, não exclusivo, que abrangia toda parte meridional da bacia do Prata e litoral sul Atlântico. O limite norte desse território coincide com o trópico de Capricórnio e a oeste chegaram aos pés da Cordilheira, embora essa migração para o oeste tenha ocorrido nos primórdios da conquista Ibérica.

Politicamente também mantinham articulações em rede, não centralizada. A historiadora Susnik identificou 14 grandes regiões na porção leste do território (entre o rio Paraguai ao Atlântico), que formavam, segundo a definição da historiadora, províncias ou *Guára* (GUA - gente do lugar; e, RA - representa a pessoa, o ofício), conceito que se aproxima do *Tekoha Guasu* contemporâneo. Esses *Guára* levavam sempre nomes de rios ou caciques importantes. No território Guarani, Susnik (1980, p. 22-46) identificou 14 *Guára*, subdivididos internamente, assim distribuídos:

1. Carios: entre os rios Manduvirá e Tebicuará. Existia três grandes núcleos: Ypacarái, Quindý-Acaháy e Yvytyrusú; 2. Tobatim: localizava-se entre os rios Manduvirá e Jejuí em três núcleos: Tobatines, Tanimbú e Yuruquizába; 3. Guarambaré: ao norte dos rios Jejuí e Ypané, com os núcleos: Ypané, Atyrá e Jejuí; 4. Itatim: localizava-se entre os rios Paraguai, Mboteteí e Piraí, com as nucleações de Mboteteí, Itati-Piraí e Iguatemí; 5. Mbaracay: ao sul das nascentes do rio Agaurá-guasú, a leste das serras de São Joaquim, com os núcleos de Amambay, Itanará e Terecañy; 6. Mondai: localizava-se entre os rios Acaraí e Nhanduá com três núcleos: Acaraí; Mondai; e Nhanduá; 7. Paraná: abrange uma ampla área ao sul, do rio Tebicuará até o rio Paraná e a leste, desde a cordilheira de São Rafael até as margens do Paraná. Este *guára* era constituída de quatro núcleos: Caazapá, Ñeembucú, Aguapey e Paranaýguá; 8. Ygañá: localizava-se onde posteriormente foi fundada a redução de Corpus; 9. Iguazu: dominava a confluência dos rios Iguazu e Paraná e terras ao norte, nas margens esquerda do rio Paraná; 10. Chandule ou Guarani das Ilhas: habitava as ilhas inferiores no rio Paraná e rio Uruguai. Foram os primeiros Guarani rio-pratenses contatados pelo piloto-mór da marinha de Castela, Sebastião Caboto. Formava duas nucleações: rio Paraná e rio Uruguai; 11. Uruguai: ocupava a área situada entre os rios Paraná e Uruguai, nas proximidades sul da atual província de

que é provável que muitos não tenham desaparecido por completo, mas foram se transformando em diferentes nomes e muitos mesclados na massa miscigenada da população. A linguística e a arqueologia nos auxiliam a entender que a diversidade de nomes não implica em povos distintos, mas na subdivisão linguística entre um mesmo povo. Há consenso entre linguistas que os Guarani falam uma língua com variações dialetais. Informações históricas corroboram com essa interpretação. Cabeza de Vaca, em seu diário sobre o percurso Litoral-Assunção, informa que esses Guarani: “ocupam uma grande extensão de terra e falam uma só língua” (CABEZA DE VACA, 1999, p.157), corroborando com o consenso de que formavam um único povo.

A partir do estudo da cerâmica e outros artefatos, a arqueologia considerou que essa população pertence a um mesmo povo. Os estudos arqueológicos corroboram com as informações históricas em identificar um território básico ocupado pelos Guarani no século XVI. Um recente estudo publicado sobre o modelo de expansão Guarani na bacia do rio da Prata e no litoral Sul do Brasil, identificou dois importantes fluxos de expansão, “sendo o primeiro nos três séculos iniciais da era corrente e o segundo do ano mil até o início da colonização europeia (BONOMO *et al*, 2015). Trata-se de uma história de mobilidade em longas distâncias, através de cursos fluviais e de assentamentos de aldeias cercadas de florestas” (BONOMO *apud* WITTMANN; BRIGHENTI, 2018, p.35).

Os dados arqueológicos demonstram também que esse povo se formou há cerca de 2 mil anos na região conhecida atualmente como tríplice fronteira, entre Brasil, Argentina e Paraguai, região que podemos considerar o “berço do povo Guarani”. Foi dessa região que o povo se expandiu, “criando redes de aldeias interligadas por alianças políticas, econômicas e sociais, o que explica a uniformidade da língua e da cultura material Guarani” (WITTMANN; BRIGHENTI, 2018, p.35). A segunda e maior onda migratória, ocorreu cerca de 900 anos antes do presente, atingindo o delta do Prata e o litoral atlântico.



Figura 2: Centro do território Guarani e rotas de dispersão

Fonte: BONOMO *et.al.*, 2015

Território Guarani no presente

Os dados revelam que os Guarani contemporâneos vivem em cinco países, Brasil, Paraguai, Argentina, Bolívia e Uruguai. Antes do século XVI viviam num território único sem fronteiras ou com limites estabelecidos a partir de suas próprias dinâmicas socioculturais. Porém, após a invasão colonial, seu território foi dividido entre as duas coroas ibéricas, Espanha e Portugal. A partir do século XIX esse território foi novamente dividido, agora entre os 5 (cinco) Estados independentes.

A figura 3, Mapa Continental Guarani, traz importantes informações sobre a presença dessa população nos países do Cone Sul da América, relativa ao ano de 2016. Os pontos em vermelho no mapa representam os mais de 1400 *Tekoha*/comunidades/aldeias existentes.

Guarasug'we (Bolivia), *Tapieté ou Guarani-Ñandeva* (Bolívia, Argentina y Paraguai); 8 - *Aché* (Paraguai). A maior parte da população concentra-se no Brasil (85.255 pessoas) seguida da Bolívia (83.019); Paraguai (61.701) e Argentina (54.825) (CMG, 2016). Os organizadores do Mapa concluíram que “os Guarani seguem vivendo onde sempre viveram, apesar das inúmeras pressões, ameaças e mortes” (CMG, 2016, p. 09). Há uma coincidência do território atual com o território ocupado quando da chegada dos ibéricos, com pequenas variações ao sul e norte, porém agora com a limitação da imposição dos Estados e propriedades privadas.

Definem-se por Nação por haver características comuns como a organização sócio política, a língua, traços da cultura, mobilidade, território e religião, porém são conscientes de que há povos Guarani com características específicas na cultura material, expressões dialetais e áreas de ocupação. A singularidade de uma Nação, cujo território está esfacelado entre Estados, impacta diretamente sobre a territorialidade. Cada Estado cria suas próprias políticas e programas, sem considerar as singularidades apontadas acima, provoca fissuras e lava as historicidades diferentes provocando a desintegração.

Melià indaga sobre os impactos que as fronteiras dos Estados nacionais impõem sobre os Guarani, levando as historicidades completamente diferentes:

Os Guarani estão agora separados e divididos por fronteiras nacionais arbitrarias. É uma grande injustiça histórica. Como o Muro de Berlim dividia o povo alemão, levando-o para duas histórias diferentes, as fronteiras pretendem fazer o mesmo com o povo Guarani. Todas as etnias Guarani estão em pelo menos dois países, senão em três. Todos eles. Todos eles têm o seu Muro de Berlim (MELIÀ, 2001, s/p)

O antropólogo Hugo Arce corrobora com a análise de Melià, destacando o surgimento dos Estados Nacionais como marco da divisão territorial.

Tomando en cuenta el tiempo de ocupación del espacio, los guaraníes son originarios de un territorio que, luego del surgimiento de los Estados nacionales, quedó dividido en tres países en la región llamada “Triple Frontera” entre Paraguay, Brasil y Argentina (ARCE, 2009, p. 11).

A partir de suas cosmovisões, os Guarani identificam um só território, fundamentado na concepção de mundo *Ore Yvy Rupa*, conjugando espaços da terra, água e matas. No processo de reterritorialização a todo instante rompem as fronteiras arbitrariamente impostas e lhe dão novos sentidos. Buscam formular conceitos no difícil diálogo com o não-indígena:

Para mim eu nasci aqui no Brasil, eu nasci aqui no Paraguai. Mas para você eu nasci aqui no país Argentina. Para mim não, para mim não tem só um Paraguai, tudo isso aqui é mundo Paraguai. Tudo é Paraguai, porque nós índios Guarani não temos bandeira, não temos cor. E para mim Deus deixou tudo livre, não tem outro país. Tem Paraná, tem quantas partes o Rio Grande. Do outro lado já é outro país,

mas para mim não tem outro país, é só um país. Quando uma criança nasce aqui no Brasil, nasce lá no Paraguai. Quando nasce no Paraguai, ela nasce aqui mesmo também. Só um país. Para você eu nasci aqui na Argentina, mas para mim eu nasci aqui. É igual. Porque a água, por exemplo, esse rio é grande [mostrando o rio Três Barras], mas só em cima está correndo, por baixo é o mesmo, a terra. *Yvy Rupa* é tudo isso aqui, o mundo (TIMÓTEO, *apud* DARELLA, 2004, p.51).

PROCESSOS DE RESISTÊNCIA

A conceituação de resistência nesse artigo é tomada de maneira ampla. Não podemos associá-la unicamente como luta armada, motim ou outras formas de confronto físico. A associação de resistência à luta armada gerou equívocos historiográficos como passividade de certos povos indígenas no continente. A historiadora Almeida (2010, p.10) observa que as novas pesquisas sobre povos indígenas enaltecem as ações dos povos indígenas como sujeitos ativos nos processos, “agindo de formas variadas e movidos por interesses próprios. A violência da colonização não os impediu de agir, mobilizando as possibilidades a seus alcances para atingir seus interesses que se transformaram com as novas situações vivenciadas”

A resistência Guarani ao processo colonial teve início com o rompimento da aliança, que acreditavam ter estabelecido com os ibéricos, que, como dissemos, ocorreu no século XVI porém em datas distintas para portugueses e espanhóis. Os documentos históricos demonstram que no Paraguai colonial (que abarcava praticamente do Sul do Brasil atualmente), entre 1537 a 1616, ocorreram nada menos de 25 rebeliões Guarani contra o sistema colonial (MELIÀ, 1986, p.31), porém a partir de 1556, quando são instaladas as encomendas iniciam os movimentos messiânicos. Esse movimento foi conhecido como “desbatismo”, concretizado a partir do apelo dos *Xamãs* Guarani para que a população retirasse o nome cristão dado pelos padres, porque atribuíam ao nome cristão toda maldade colonial. Era um rechaço total aos colonos, que teve como elemento central a matriz religiosa. O conflito tomou proporções alarmantes, de 1591 a 1606 foram 6 (seis) grandes levantes Guarani no atual Paraná, levando o governador Hernando Arias de Saavedra (Hernandarias) a convocar a Companhia de Jesus para apaziguar os Guarani. Tem início, em 1609 as reduções Jesuíticas ou Guaraníticas.

No período colonial podemos destacar também as diversas fugas para regiões ermas, tentando assim afastar-se dos colonos. No litoral sul brasileiro uma parcela significativa da população que não foi alcançada pelos vicentinos, migrou para Oeste, em busca de lugares mais seguros.

As independências dos Estados Latino Americanos das potências ibéricas, no século XIX, não trouxe benefícios aos Guarani, ao contrário, forçou a colonização

interna destruindo os últimos espaços ocupados pelos Guarani. As tentativas de homogeneização e incorporação nas chamadas sociedades nacionais, nos séculos XIX e XX, em partes foi superada pela resistência contínua, por não quererem viver de acordo com o sistema político, econômico, social e cultural proposto pelos Estados.

Internamente, cada um dos Estados, buscou incorporar os Guarani na mescla da população empobrecida, de modo a não os reconhecer enquanto coletividades. Portanto, tínhamos por um lado a fragmentação e separação pelas fronteiras nacionais e por outro a tentativa de torná-los “nacionais”. Pela resistência, esse processo não se efetivou como desejavam os Estados, ao contrário, os Guarani mantiveram a base de sua organização social amparada na família extensa e na vivência do *Teko*/costumes, modo de ser. Grünberg e Grünberg (2014) explicam que a família extensa é a junção de famílias nucleares nucleadas e estabelecidas no *Tekoha*. Para esse pesquisador, o termo *Tekoha* ou *Tekoa* (existe uma variação da escrita de acordo a subdivisão linguísticas Guarani) é um lexema constituído do substantivo “Teko” mais o sufixo “ha” que, entre vários significados, tem o sentido de “lugar”. Assim *Tekoha*, é entendido atualmente pelos Guarani como “o lugar onde realizamos nosso modo de ser” (GRÜNBERG; GRÜNBERG 2014).

O *Tekoha* converte-se assim no espaço central da resistência e ressignificação territorial Guarani. É o *Tekoha* que dá unidade e dinamicidade sociocultural na manutenção da cultura e modo de ser do povo. O *Tekoha* precisa necessariamente ter uma Casa de Reza, que os *Mbya* a denominam de *Opy*. A religião perpassa todo processo histórico de resistência, se os Guarani continuam sendo Guarani é pela dimensão religiosa.

Pela prática de violência imposta pelos Estados, os Guarani foram paulatinamente perdendo as terras, de modo que no presente são inúmeras as comunidades que vivem em locais impróprios, sem condições de produzir alimentos ou mesmo insalubres em contextos de alta densidade demográfica dificultando a reprodução física e cultural. A possibilidade de continuar mantendo a relação com a família extensa-comunidade está se tornando algo do pretérito, já que, pela falta de terras, diversas famílias extensas são obrigadas a dividir um mesmo espaço e enfrentar as adversidades dessas relações.

A terra “ideal” ou a terra “sonhada” para os Guarani, também conhecida como Terra Sem Mal, deve ter espaço amplo, ser cultivável, cercada de mata conservada, água corrente, por fim um lugar tranquilo, livre de intervenções externas onde possam viver a sua maneira política, econômica (reciprocidade) e cultural. Porém, não é isso que ocorre na prática:

Para os Estados Nacionais é a possibilidade da fixação e do desenvolvimento de projetos visando à modificação de seus padrões culturais. Estas diferentes perspectivas geram conflitos enormes no interior das comunidades, entre os que

vacilam diante dos programas estatais e os que reagem a eles, negando-os ou modificando-os conforme suas necessidades, e conclamando os ensinamentos transcendentais para justificar a recusa (BRIGHENTI, 2010, p. 16).

O povo Guarani busca contemplar em seu universo organizativo aspectos relacionados às práticas e conhecimentos tradicionais com as dinâmicas da organização política pós-moderna:

O povo Guarani é muito moderno, quase pós-moderno. Por quê? Porque o povo Guarani, embora sua especificidade, a singularidade, sabe entrar em diálogo conosco. O pensamento deles não está tão distante do nosso pensamento utópico. Pela sua linguagem, pelo seu modo de ser, pela sua palavra, pela sua paciência mais que pela agressividade, o povo Guarani é um particular universalizável (MELIÀ, 2001, s/p).

Dentre as imposições e adaptações provenientes do contato com as instituições públicas e privadas está a escola. Desde a penetração colonial europeia no continente americano, após a sobrevivência aos genocídios e a utilização de mão-de-obra indígena inicial, ocorreram através das reduções jesuítas e depois pelo Estado a partir das reformas do século XVIII, a “alfabetização”, escolarização. Através da persuasão e da doutrinação religiosa, a educação escolar estava voltada ao processo de conversão, torná-los cristãos a fim de descaracterizá-los e inseri-los no universo colonial, eliminando suas práticas e especificidades socioculturais e cosmológicas. A partir do século XIX a educação escolar Guarani esteve voltada para a assimilação e integração às sociedades nacionais dos novos Estados surgidos com o processo de independência. Essa nova escolarização pouco efeito resultou aos Guarani devido à resistência a essa instituição civilista. Na segunda metade do século XX, apenas os Guarani em “reservas” e os poucos que viviam em terras de outros povos, foram alfabetizados. Se por um lado os Estados já não tinham tanto interesse em oferecer escola porque consideravam os Guarani “integrados”, por outro a resistência as mudanças dos costumes favoreceram a não proliferação das escolas nas comunidades, conforme destaca Melià:

Os povos indígenas sustentaram sua alteridade graças a estratégias próprias, das quais uma foi precisamente a ação pedagógica. Em outros termos, continua havendo nesses povos uma educação indígena que permite que o modo de ser e a cultura venham a se reproduzir nas novas gerações, mas também que essas sociedades encarem com relativo sucesso situações novas (MELIÀ, 1999, p.12).

Temos, portanto, diferentes formas de relações e resistência. Talvez o elemento central que dá coesão e sentido ao processo de resistência é a continuidade da existência desse povo, fazendo uso de sua língua, de seus padrões socioculturais para enfrentar os desafios da contemporaneidade de sua dimensão religiosa, mas fundamentalmente de sua rejeição ao ingresso na economia capitalista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atualmente os Guarani enfrentam inúmeros desafios. Sem-terra, desrespeitados em sua territorialidade, enfrentam diversos problemas para continuar existindo. No Brasil, a maior parte das comunidades vive em acampamentos precários, denominado “Martírio” pelo cineasta Vicent Carelli que produziu um documentário homônimo em 2017. Os Guarani *Kaiowá* no MS comparam suas “reservas” a chiqueiros onde há porcos de engorda. No Paraguai, a situação territorial dos Guarani pouco se diferencia do contexto brasileiro, nas poucas terras demarcadas vivem cercados pelo agronegócio que também usa as terras Guarani para a monocultura de soja.

Do estereótipo de integrados, inspiraram o indianismo no século XIX o modernismo do século XX, continuam fazendo sua história recusando as superficialidades do mundo dos não indígenas. Tendo a prescritividade como norma, ressignificaram sua mitologia e cosmologia para dar conta da complexidade do mundo moderno, mas insistem na determinação de ser protagonistas de sua história. Incorporam elementos que consideraram importantes e abandonaram aqueles que não agregam positividade ao seu mundo.

Temos um grande desafio pela frente, aprender com os Guarani novas formas de relacionar-se enquanto sociedade e com o mundo natural. A crise ecológica e humanitária certamente seria menos impactante se adotássemos alternativas sugeridas e vividas pelos Guarani.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Celestino. **Os índios na história do Brasil**. Rio de Janeiro: FGV, 2010.

ARCE, Hugo Abel. **Los Usos de la Interculturalidad en la Educación Escolar Indígena de Misiones, Argentina. Dissertação** - Departamento de Antropología Social y Cultural. Universidad Autónoma de Barcelona. Barcelona-ES, 2009.

BONOMO, Mariano; ANGRIZANI, Rodrigo C.; APOLINAIRE, E.; NOELLI, Francisco S. A model for the Guaraní expansion in the La Plata Basin and littoral zone of southern Brazil. 356, **Quaternary International**, 2015, pp. 54 e73

BRIGHENTI, Clovis A. **Estrangeiros na Própria Terra: Presença Guarani e Estados Nacionais**. Chapecó-Florianópolis: Argos/EdUFSC, 2010.

CABEZA DE VACA, Alvar N. **Náufragos e comentários**. Tradução: Eduardo Bueno. Porto Alegre: (Col. L&PM Pocket, v.155), 1999.

CCNAGUA. **Manifiesto del Concejo Continental de la Nación Guaraní** (CCNAGUA) Tekoha Ka'a Kupe. Ruiz de Montoya/AR. 21-25 de septiembre de 2015.

CLASTRES, Pierre. **A sociedade contra o Estado** – Investigações de Antropologia Política. 1ª ed. Porto: Edições Afrontamento, 1979.

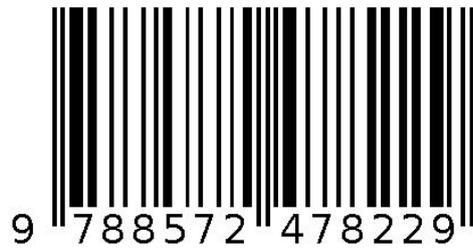
CMG - CUADERNO DEL MAPA GUARANI CONTINENTAL. **Pueblos Guaraníes en Argentina**,

SOBRE OS ORGANIZADORES

Elisa Yoshie Ichikawa - Mestre em Administração e Doutora em Engenharia de Produção pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Realizou estágio pós-doutoral em Administração na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professora da Graduação e da Pós-Graduação em Administração da Universidade Estadual de Maringá (UEM). Coordenadora do projeto “Conflitos e Resistências para a Conquista e Demarcação de Terras Indígenas no Oeste do Paraná: os caminhos e as expressões do fortalecimento das lideranças e da cultura Guarani”, que teve o apoio financeiro da CAPES por meio do Edital 012/2015 – Memórias Brasileiras: Conflitos Sociais

Wagner Roberto do Amaral - Mestre em Educação pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP) e Doutorado em Educação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Pós-Doutorado em Estudos Interculturais pela Universidad Veracruzana (México) e Pós-Doutorado em Políticas de Educação Superior para Povos Indígenas na América Latina pela Universidad Nacioanl Tres de Febrero (Argentina). Estância pós-doutoral no Instituto de Migraciones da Universidad de Granada (Espanha). Professor do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social e Política Social da Universidade Estadual de Londrina (UEL) e membro da Comissão Universidade para os Índios da UEL. Pesquisador colaborador do projeto “Conflitos e Resistências para a Conquista e Demarcação de Terras Indígenas no Oeste do Paraná: os caminhos e as expressões do fortalecimento das lideranças e da cultura Guarani”.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-822-9



9 788572 478229